

**COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND**  
**III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS**  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

**O texto abaixo não foi revisado, trata-se de anotações feitas pelo Diác. Alberto Magno durante os testemunhos.**

III Encontro Nacional de Formação de Diáconos e Esposas  
**Partilha das conquistas e desafios da Espiritualidade em nossa vida**

**TESTEMUNHO 1**

Diác. Arlindo e Maria do Carmo, 33 anos de casados, 4 filhos, 1 neto – Par. Bom Jesus dos Aflitos – Arq. Brasília – DF

Nós estamos em uma caminhada ainda bastante sacrificada. No início de nossa vida de casados, 25 anos ela me fez acompanhar o mistério da religiosidade da igreja onde ela dava catequese. Um dia ela resolve fazer o Curso Superior de Teologia, como ela iria voltar para casa à noite sozinha. Acabei fazendo o curso com ela. Depois do curso nosso pároco nos pediu para dar um curso de história da Igreja.

Tive uma crise de pâncreas (pancreatite) e corri risco de morte. Um padre foi levar a Unção dos Enfermos e o padre disse que Deus não queria que ele (Arlindo) morresse. Reclamei dizendo que “na minha terra isto era extrema unção para quem já estava morrendo”. Fiquei 19 dias internado no hospital, quando saí fui procurar o padre e me ofereci para dar o que ele quisesse na Igreja. Como a Igreja estava em construção ofereci areia, tijolo, o que ele quisesse. Ele disse que Deus não precisava de nada daquilo. Quando ia saindo o padre me chamou e disse “o que eu preciso mesmo é de um diácono”.

Pouco depois começou a primeira turma da Escola Diaconal de Brasília. D. Alberto era um dos professores e disse a ele que aquilo não era para mim e fui embora. No caminho de volta, passando por uma estrada de terra, perdi o controle do carro e quando vi estava no meio do mato. Perguntei a Deus o que Ele queria de mim. Subiu um fogo dentro de mim e, não sei explicar bem, mas senti uma voz dizendo: deixe de ser medroso, onde você estiver estarei contigo. Todo meu medo desapareceu, cheguei em casa contente e toda dúvida havia desaparecido.

Procurei o pároco e me coloquei totalmente à disposição.

Três anos depois da ordenação, ao final de uma celebração, apareceu uma senhora desesperada pedindo para se confessar. Não havia como, naquele momento, dizer que o diácono não ouve confissão. Mandeí que ela fechasse os olhos e não me contasse pecado algum, mas que se arrependesse, rezei por ela e prescrevi uma penitência. Dias depois ela apareceu na Igreja e me contaram que ela era evangélica e que havia se convertido com a minha oração.

Maria do Carmo: O trabalho diaconal do marido acabou provocando a separação do casal, pois cada um estava vivendo por um lado. Cada um estava trabalhando em uma paróquia diferente. Reclamou para o bispo e conseguiu que ele voltasse a trabalhar na mesma paróquia que ela. Deus está transformando, agindo na vida dos dois.

Arlindo – 3ª. grande experiência. Trabalhando em um local onde o povo era muito pobre. As crianças iam para a catequese com fome. Começou, junto com os vicentinos, a fornecer um café para as crianças, para em seguida dar a catequese. Com o tempo derrubaram o barraco de madeira e construíram uma capela com 400 metros quadrados.

**COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND**  
**III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS**  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

Desafio hoje: dificuldades com o novo pároco. Suportar e conviver com o pároco, sem abandonar a missão.

**TESTEMUNHO 2**

Diác. Luiz Sérgio e Telma – Dioc. Luziânia – GO, 23 anos de casados, 3 filhos.

Deus sempre está nos chamando, principalmente através do batismo. Já no batismo começa a nos chamar. Nem sempre a gente se recorda do batismo, pois fomos batizados e crismados ainda crianças. AO longo deste tempo vem todo um crescimento, adolescência, maturidade. Meus pais sempre foram católicos, minha mãe tem uma devoção muito grande por Maria. Minha infância foi um pouco diferente, pois sofri poliomielite (duas vezes), passei por 12 cirurgias até minha adolescência. Com 13 anos encontrei a Telma e me apaixonei. Foi através do matrimônio, este sacramento tão especial, que pude visualizar a presença de Deus em nossa vida. Também através das pessoas, dos amigos, dos parentes e da Igreja que nos acolhe e encaminha como filhos. Pessoas nos ensinaram a ser casal – marido e mulher, através da experiência, da partilha de vida de cada um. Até aqui era tudo muito brilhante. Depois de um tempo trabalhando na catequese me senti chamado à vocação diaconal. Fiz o curso de Teologia, fiz contato com pároco e com o bispo e fiquei aguardando.

A experiência mais forte é que durante a minha preparação a Telma foi acometida de uma enfermidade. Uma coisa dolorida para mim, pois até então nossa vida era muito bonita, estável, feliz. Conversava com ela, o que vamos falar para os outros, temos uma vida normal, feliz, temos filhos saudáveis, amigos... e de repente vemos a coisa virar de cabeça para baixo. A doença da Telma transformou toda a nossa vida, tive que aprender a cozinhar, a conviver mais com os filhos, conversar mais com eles. Ela ficou de cama praticamente dois anos e isto mexeu com minha vida emocional, minha vida econômica... Tenho hoje três empregos: funcionário público, empresário, e além disso diácono, esposa e pai.

Durante o curso muitas vezes pensei em desistir, achando que não iria dar conta, principalmente porque a Telma precisa de mim. Cheguei a faltar às aulas por mais de um mês. O reitor da escola e os amigos me procuraram. Telma também me apoiou, foi um amparo positivo, forte. Embora ela tão frágil na sua enfermidade foi meu apoio.

Durante minha formação ela não pode me acompanhar e é a primeira vez que ela me acompanha em uma atividade. É uma graça para nós ela estar aqui hoje.

Depois de ordenado quantas vezes ficava imaginando como seria difícil o ministério com todas as dificuldades de família, econômica, como transmitir alegria para a comunidade. A comunidade percebia minha tristeza e chegavam a me perguntar: porque você está tão triste. Assim entendi que tinha que trabalhar este lado... Tinha que transmitir Jesus vivo, Jesus da esperança, Jesus de luta... isto ficava difícil porque não queria encenar, queria ser verdadeiro. Quantas vezes eu saía e Telma ficava em casa em oração e nas celebrações eu pedia (rezava) por ela.

Minha espiritualidade e da Telma hoje é a espiritualidade da alegria. Viver o momento, otimizar cada momento. Viver com esperança cada momento e também a espiritualidade da esperança.

Gente de casa e até padre me recomendaram levar a Telma no espiritismo. Cheguei a dizer que prefiro pegar na alça do caixão do que negar a minha fé.

**COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND**  
**III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS**  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

Telma: casamos muito cedo, eu com 16 e ele com 22. Não tínhamos nem formação e nem informação. Casamos por que era bom ficar juntos. Não tínhamos nem noção do que estávamos fazendo.

Com um ano e pouco veio o primeiro filho e depois mais dois. Deus nos chamou através dos movimentos da Igreja. ECC, Cursilho e começamos a dar palestras, catequese, batismo, cursos de noivos... nosso chamado foi vindo aos pouquinhos. Fomos nos preparando aos poucos. Tive uma série de doenças (muitas raras)... fiquei dois anos de cama. Nesse tempo, sempre que abria os olhos, via Luiz Sérgio do meu lado rezando. Isto me deu muita força para lutar pela vida. Não fosse isto eu teria morrido. Fiquei em um estado deplorável.

Comecei a tomar medicação e comecei a melhorar, mas só a medicação não adiantava, tinha que lutar pela vida. Tinha crise, alguns dias bem, outros de cama. Um dia abri os olhos e o Sérgio estava rezando. Pedi perdão a ele porque eu dava muito trabalho, ele disse “você esqueceu que nosso sim foi na saúde e na doença, na tristeza e na alegria”... nunca vou te largar.

Ele: Deus, se a Telma tiver que morrer vai ser de amor, pois vou amá-la tanto...

Ela: ... problema de saúde com filho – plaquetas baixas – não podia cair, machucar... um dia caiu e perdeu três dentes, ficou uma poça de sangue no chão. Demorou para se recuperar, mas agora está bem. Tivemos muita dificuldade, tudo ao mesmo tempo, mas nunca desistimos, nunca deixamos de ir à missa.

... Cada pessoa passa por um tipo de situação. Esperamos entre 10 e 12 anos a ordenação dele. Depois que ele foi ordenado todas as portas se abriram. O pároco e o bispo dão o maior apoio.

**TESTEMUNHO 3**

Diác. Roberto e Leonina – Dioc. Cachoeiro do Itapemirim – ES -

Espiritualidade da vida diaconal. Fiquei pensando em um testemunho por causa da minha formação familiar. Nasci e fui criado na roça, vendo a espiritualidade ...

Assistia à missa freqüentemente. Depois de casado, continuei do mesmo jeito. Depois de 10 anos de casado um padre me chamou para um negócio de diácono. Primeira turma de nossa diocese, mais ou menos uns 20 candidatos.

Mesmo gostando de freqüentar a igreja, não entendia nada daquilo. O padre me chamou e disse: estou por aí mesmo né?

Fiz o curso, tive algum tempo de experiência e depois virei formador.

Nunca perdi um dia de aula. Depois da ordenação, a vida de comunidade do interior, único diácono e um padre, em uma paróquia com 32 comunidades no interior, tudo estrada de chão.

Leonina: Toda vida vivemos muito juntinhos. Desde o namoro, todavia um vivendo para o outro. Tivemos dois filhos. As dificuldades foram aparecendo, filhos foram estudar fora (no internato, pois não podíamos sair da roça). Quando o segundo filho foi para a escola fiquei desesperada, pois o Roberto ficava fora o dia todo trabalhando. Apareceu uma artrite reumatóide que me incomoda até hoje, Fazia tudo o que uma esposa podia fazer para ajudar o marido diácono. Um ano e pouco atrás meu sogro faleceu e minha sogra com mais de 90 anos veio morar conosco. Agora não mais podemos fazer tudo junto, porque a sogra não pode ficar sozinho. Ele sai para as comunidades, mas eu tenho que ficar. Agora vivemos um pouco de separação, mas estamos vencendo o desafio.

**COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND**  
**III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS**  
17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

Frutos: o filho mais velho é casado com uma moça batista, mas é ministro da palavra na comunidade. Convivemos bem com a nora que respeita nossa religião e ela respeita a nossa. O outro filho é padre salesiano há dois anos.

Quando os filhos eram pequenos

Um filho padre é graça de Deus, ainda pequeno ele escolheu a vocação.

**TESTEMUNHO 4**

Diác. Boaventura e Eulália – Dioc. Joinville – SC – 29 anos de casado, 1 filho de 1 ano.

Dentro da espiritualidade dos diáconos, nossos desafios e conquistas. Coloco nossa espiritualidade em três pontos:

- a) Oração, meditação
- b) prática, pois oração sem prática é morta
- c) esposa, seria difícil ser diácono sem a esposa

Nossa vocação começa na nossa infância, fui seminarista 3 anos, fui para São Paulo e virei um vagabundo. Nesta época já namorava a Eulália que era já uma pessoa muito religiosa. Voltei para Santa Catarina. Depois nos casamos, mas não íamos freqüentemente à missa, apenas rezávamos em casa.

Uma doença da Eulália nos fez procurar mais a Igreja. Alguém nos chamou para um grupo de oração, depois encontro de casais, e aí começamos a trabalhar na Pastoral Vocacional, temos 3 moças e 4 rapazes encaminhados na vida religiosa com nosso trabalho.

Um dia o pároco me perguntou se eu queria ser diácono. Não entendi porque fui chamado, sempre fui tímido, quase não falava na comunidade... porque eu? Porque Paulo? ... não temos resposta, mas obedecemos.

O bispo começou a me pedir: diácono novas comunidades... o pároco não queria, mas o bispo disse: você deve obediência a mim, não ao pároco

Criei coragem, fui em um dos setores da paróquia e arrumei cerca de 15 casais (que não fossem medalhões da Igreja). Queria gente nova, com novas idéias, metade dos casais não ficaram, pois tinham intenções políticas. Ficamos com 7 casais que deram início a uma comunidade. Hoje temos uma trabalho com muitas conquistas: momentos de oração, espiritualidade, catequese...

... Não fosse minha mulher teria desistido do diaconado, tendo em vista as dificuldades (apunhaladas).

Nosso filho (único) casou com uma moça, também filha única e com 5 anos de casados se separaram. Isto nos trouxe muita tristeza. Eu chorava e ele se fechou, mas Deus é misericórdia. ... todas as 5<sup>a</sup>. feiras temos um momento de oração na Igreja, terço do Ssmo Sacramento às 15 horas. Sentia minhas forças se esvaziando. Meu marido adoeceu... comecei a rezar o terço e implorei a misericórdia de Deus... conversei um tempo com Deus olhando a natureza através da janela... Chorei muito, depois levantei, fiz café e pedi ao meu marido que me levasse na Igreja. ... Senhor, porque vou estar na sua presença nesta tarde. Me coloquei de joelho em frente o Santíssimo e ele me deu cantos maravilhosos... depois disto não chorei mais...

O pároco me mostrou que todos, inclusive os padres, temos dificuldades e que devemos levantar a cabeça e tocar para frente.

Ele: o que aconteceu com José, vendido pelos próprios irmãos ... muitas vezes não entendemos os caminhos de Deus. O sofrimento muitas vezes é um puxão de orelha para acordarmos. Não podemos parar nem desanimar, se não dá para trabalhar com o padre ou o

**COMISSÃO NACIONAL DE DIÁCONOS – CND**  
**III ENCONTRO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE DIÁCONOS E ESPOSAS**

17 a 20 de fevereiro de 2005 – Luziânia – GO

bispo, devemos nos dedicar à comunidade que precisa de nós. Hoje faço meu trabalho de diácono, atendendo o pobre. Não espero que as pessoas venham à Igreja, eu vou até as pessoas. Só assim podemos fazer uma Igreja bonita, maravilhosa.